



Fotografias: Agência Pará.

## A importância da terapia assistida por cães para crianças e idosos e sua aplicabilidade na Polícia Militar do Pará

Claudia Pinheiro Rufino Rabelo<sup>1</sup>  
Dennis Lima Jacinto<sup>2</sup>  
Marina de Brito Coutinho<sup>3</sup>  
Walter Parizotto<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Major Veterinária da Polícia Militar do Pará; Mestre em Biologia de Agentes Infecciosos e Parasitários (UFPA); Diretora do Centro Médico Veterinário da PMPA.

E-mail: claudiaprufino@yahoo.com;  
ORCID: 0009-0000-6464-4735.

<sup>2</sup> Tecnólogo em Gestão Pública; Pós-graduado em Inteligência Policial.

E-mail: dennis\_lima27@gmail.com.

<sup>3</sup> 1º Tenente Médica Veterinária da Polícia Militar do Pará; Atualmente trabalha no Batalhão de Ações com Cães; Mestre em Reprodução Animal (UNESP – Jaboticabal).

E-mail: marinabsbrito@hotmail.com;  
ORCID: 0000-0002-0486-766X.

<sup>4</sup> Cel BM RR; Mestre em Ciências Florestais (UFPR).

E-mail: walter.parizotto@gmail.com;  
ORCID: 0009-0009-4638-9860.

### RESUMO

A Polícia Militar do Pará é encarregada de um vasto rol de deveres e atribuições, com o objetivo de servir e proteger a sociedade. Na área da saúde, vem ganhando destaque a terapia assistida por cães, realizada pelo Batalhão de Ações com Cães (BAC), desde 2021. Esta pesquisa traz como objetivo geral difundir a atuação dos cães terapeutas, problematizando o seu impacto para crianças e idosos em contexto hospitalar, em estado de fragilidade social ou de saúde, e a sua contribuição na qualidade de reabilitação terapêutica. Deste modo, a investigação se delineou na abordagem histórica da Terapia Assistida por Cães (TAC), envolvendo conteúdo pertinente à pesquisa de terapias alternativas, seguido da descrição das atuações do cão terapeuta de assistência em hospitais e abrigos. Ao final, evidencia-se a aplicabilidade da terapia assistida por cães, realizada pelo BAC da Polícia Militar do Pará, e o seu impacto terapêutico positivo em crianças e idosos.

**Palavras-chave:** Saúde; Cão Terapeuta; Terapias Alternativas; Assistência.

### ABSTRACT

The Military Police of Pará is responsible for a wide range of duties and responsibilities, with the goal of serving and protecting society. In the healthcare field, animal-assisted therapy, specifically dog-assisted therapy, conducted by the Batalhão de Ações com Cães (BAC) since 2021, has gained prominence. The general objective of this research is to disseminate the work of therapy dogs, discussing their impact on children and the elderly in hospital settings, or those in social or health vulnerability, and their contribution to the quality of therapeutic rehabilitation outcomes. The investigation adopts a historical approach to Dog-Assisted Therapy (DAT), involving relevant research on alternative therapies, followed by a description of the work of therapy dogs in hospitals and shelters. Finally, it highlights the applicability of dog-assisted therapy by the BAC of the Military Police of Pará by public security professionals and its positive therapeutic impact on children and the elderly.

**Keywords:** Health; Therapy Dog; Alternative Therapies; Assistance.

### RESUMEN

La Policía militar de Pará es la encargada de una vasta categoría de deberes y funciones, con el objetivo de servir y proteger a la sociedad.

En el área de la salud, viene ganando importancia la terapia asistida por animales o cachorros, realizada por el Batallón de Acciones con Cachorros (BAC), desde el año 2021. Esta busca tiene como objetivo difundir la actuación de los cachorros terapeutas problematizando un impacto para los niños y para las personas mayores en el ambiente del hospital, en estado de debilidad social a de salud, y su contribución en la calidad de la rehabilitación terapéutica. La investigación se concibió en el abordaje histórico de la Terapia Asistida por Cachorros (TAC), abarcando contenido atinente a la pesquisa de terapias alternativas, seguido de la descripción de las actuaciones del cachorro terapeuta de asistencia en hospitales y refugios. Al final, se demuestra la aplicabilidad de la terapia asistida por cachorros por el BAC de la Policía Militar de Pará, por profesional de la Seguridad Pública y un impacto terapéutico positivo en niños y personas mayores.

**Palabras Clave:** Salud; Perro de Terapia; Terapias Alternativas; Asistencia.

## 1 INTRODUÇÃO

O cão é conhecido como melhor amigo do homem por suas características específicas que cativam às pessoas, sendo muitas vezes utilizados como refúgio emocional. Ele atua como um ouvinte paciente, considerado parte dos elos familiares, oferecendo suporte emocional em momentos de fragilidade, além de ser um fiel companheiro.

Na atualidade, os cães são animais que se destacam em diversas funções de trabalho, sendo estimados por sua natureza dócil e saudável, mostrando adestrabilidade para colaborar com o ser humano e desempenhar com maestria qualquer papel que lhes seja designado.

A relação entre homem e animal se delineou por uma extensa trajetória de adaptabilidade, mutualismo, e convivência doméstica, com relatos do emprego destes animais para benefício humano desde as civilizações mais primitivas (Bueno, 2020). Sob essa perspectiva, mostra-se necessário o estudo e avaliação das possibilidades de expansão do leque de empregabilidade, visando a terapia multidisciplinar em crianças e idosos, interseccionalmente com outros profissionais da saúde como fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos e psicólogos.

A pesquisa tem como objetivo geral demonstrar a atuação dos cães terapeutas junto a crianças e idosos em contextos hospitalares, especialmente em situações de fragilidade social ou de saúde e a sua contribuição na qualidade de reabilitação terapêutica. A investigação se delineou numa abordagem histórica da Terapia Assistida por Cães (TAC), envolvendo conteúdo pertinente à pesquisa, seguindo da descrição das atuações dos cães de assistência em hospitais e abrigos.

Por fim, o estudo pretende contribuir para preencher lacunas existentes no setor de saúde, por meio de pesquisas e implantação de projetos multidisciplinares relativos ao processo de reabilitação terapêutica de crianças e idosos, mostrando a possibilidade de o profissional de segurança pública atuar em conjunto com profissionais de outras áreas na aplicação de terapia assistida por cães para o público específico, comprovando a sua aplicabilidade pelo Batalhão de Ações com Cães da Polícia Militar do Pará (BAC-PMPA) e seu impacto positivo na vida de crianças e idosos.

## 2 TERAPIA ASSISTIDA POR CÃES EM CONTEXTO HISTÓRICO

Segundo Bueno (2020), é aceito consensualmente que a relação entre humanos e animais originou-se no período Neolítico, há cerca de 20 mil anos. Em contrapartida, para Grandin e Johnson (2006), o convívio iniciou muito anteriormente, estudos de amostras de

DNA (ácido desoxirribonucleico) estimaram a data do início desse fenômeno em cerca de 100 mil anos atrás.

Naquela ocasião, o ser humano primitivo dividia o território com caninos selvagens, que buscavam alimento em abrigos humanos. Eles permaneciam à frente da caverna, pela oferta de carne fresca, caçada pelos homens que, por sua vez, se beneficiavam da proteção dos caninos contra qualquer invasor (Travagin, 2012). Além dessas características, os animais também eram vistos como fontes místicas de poder e força por certas crenças e culturas (Dotti, 2005). Esses achados demonstram que, possivelmente, o cão tenha sido o primeiro animal domesticado pelo ser humano, antes mesmo do desenvolvimento da pecuária. Portanto, o cão passou por um processo de domesticação intenso, até se tornar o “melhor amigo do homem” (Nascimento, 2017).

A evidência arqueológica mais antiga dessa amizade é uma mulher enterrada junto de seu cão encontrado em Israel, datada de 12.000 anos atrás, mas, sabe-se que essa domesticação se iniciou há mais de 100.000 anos, quando os ancestrais do homem começaram a abrigar os filhotes de lobos que rondavam seus acampamentos. Contudo, foi na Inglaterra, aproximadamente no século XVIII, que se iniciou a prática da Terapia com Cães (Nascimento, 2017).

Na idade contemporânea, os cães desempenham outros papéis além de guarda e caça. Eles atuam em consultórios, hospitais, escolas e instituições, desempenhando inúmeras atividades em nossa sociedade. São chamados cães de serviço, treinados para ajudar pessoas com deficiência, guiando e servindo de condutores para deficientes visuais. Além disso, eles são importantes nas ações de resgate de vítimas, desaparecimento ou acidentes, sobretudo, dentro do escopo da atividade militar, pois são treinados para farejar drogas, bombas e corpos (Caetano, 2010).

Segundo as literaturas de Silva (2011), Mendonça *et al.* (2014) e Amaral (2016), a utilização de animais como alternativa de terapia foi iniciada entre os séculos XVIII e XIX, na Inglaterra. Na época, médicos observaram que pacientes com algum tipo de transtorno mental apresentavam benefícios psicológicos, pedagógicos e sociais, após manterem contato com os cães (Silva *et al.*, 2015).

No ano de 1792, na Inglaterra Moderna, William Tuke fundou o Retiro York, uma instituição onde animais domésticos auxiliavam o tratamento de transtornos mentais dos pacientes encorajando-os a se movimentarem e se comunicarem, despertando assim o interesse e a vontade dos assistidos para o autocuidado e a comunicação interpessoal (Caetano, 2010).

Caetano (2010) e Caturra (2016) descrevem a atuação do psicólogo Boris Levinson e seu cão *Jingles*, no ano de 1961, onde ele fez registros em seus artigos da utilização do cão como elemento motivador em crianças portadoras de distúrbios emocionais resistentes à terapia.

Amaral (2016) também afirma que existem benefícios nas áreas pedagógica e social, principalmente no comportamento afetivo, pelo convívio da criança com o cão. Portanto, evidências mostram um crescente interesse científico pelo estudo da relação homem-animal, com respeito ao seu potencial terapêutico referente à saúde humana e qualidade de vida ao longo das últimas décadas. Dessarte, quando um animal recebe afeto, ele o devolverá na forma de obediência. Por outro lado, quando submetido a maus-tratos, o animal poderá desenvolver agressividade.

## 2.1 Cinoterapia e Terapia Assistida por Cães (TAC)

A palavra cinoterapia tem por etimologia a derivação grega, sendo a junção do prefixo “cino” (cão) ao radical “terapia”. Silva *et al.* (2015) definem cinoterapia como uma prática terapêutica que utiliza cães no tratamento de diferentes necessidades, realizando a interação entre o animal e o paciente, auxiliando de forma positiva no bem-estar e autoestima

do ser humano, tal ação proporciona melhora na qualidade de vida. Segundo esse entendimento, a Terapia Assistida por Cães (TAC) requer o acompanhamento de profissionais da área da saúde como fisioterapeutas, psicólogos, médicos, entre outros, que utilizam os animais como parte de um tratamento (Abreu *et al.*, 2008).

Ao discutir o tema, Nascimento (2017) utiliza a definição de cinoterapia construído por Dotti (2014), segundo o qual:

Uma modalidade de Terapia Assistida por Cães (TAC), onde vários profissionais das áreas da saúde podem utilizá-la para a melhoria e reabilitação de pacientes. Na maioria das vezes esse recurso é utilizado por fisioterapeutas e terapeutas ocupacionais, mas recentemente têm ganhado aceitação de médicos, psicólogos, professores, assistentes sociais, veterinários e outros (Dotti, 2014, *apud* Nascimento, 2017).

Conforme os conceitos dos autores Silva *et al.* (2015) e Dotti (2014, *apud* Nascimento, 2017), os recursos que o cão tem em suas ações como o de estimular e interagir cativam o paciente, transmitindo a sensação de vigor, que podem ser utilizados por profissionais para colaborar para reabilitação do indivíduo. Nessa mesma linha de entendimento, ao se referir ao tratamento de idosos institucionalizados, os autores Brancalione e Schmidt (2018) afirmam que a cinoterapia é fundamental no tratamento físico, cognitivo e emocional do paciente.

## 2.2 TAC no Brasil

Em meados de 1940 se iniciaram os primeiros experimentos para implantação do sistema de serviços com cães no território brasileiro, baseado no modelo europeu. Com a comprovada eficiência do novo sistema, novos estados da federação introduziram nas forças militares a ferramenta canina (Rabelo; Costa, 2018).

No Brasil, a TAC teve seu primeiro registro na área médica do Hospital Psiquiátrico Engenho de Dentro no Rio de Janeiro, em 1955, tendo como supervisora a psiquiatra Nise da Silveira, uma das precursoras na utilização de cães na melhoria dos pacientes, aos quais chamava de coterapeutas, sendo considerada pioneira na Terapia Assistida por Animais no Brasil (Dotti, 2005).

Dotti (2005) afirma que a pesquisadora dava permissão para que seus pacientes acolhessem animais em abandono e percebeu que isso trazia benefícios positivos nos seus comportamentos. Suas tarefas foram rejeitadas na medicina, motivo que encerrou seus estudos no campo, nos anos 1960. Estudos nacionais como o de Mendonça *et al.* (2014), Godoy e Denzin (2007), Porto e Cassol (2007) afirmam que, no Brasil, existem trabalhos de terapia assistida por animais em casos terapêuticos para crianças e idosos com resultado satisfatório.

Segundo Amaral (2016), no Brasil, por iniciativa da Organização Brasileira de Interação Homem-Animal Cão Coração (OBIHACC), foi fundado em agosto de 2000 o Projeto Cão do Idoso, com idosos institucionalizados. Em 2008, a OBIHACC encerrou suas atividades. Porém, em dezembro do mesmo ano, foi fundado o Instituto Nacional de Ações e Terapias Assistidas por Animais (INATAA), em São Paulo. Esse espaço agrega profissionais de diversas áreas, o que caracteriza a interdisciplinaridade como condição necessária para viabilizar projetos com animais (Amaral, 2016).

A autora ainda afirma que existem alguns eventos que são realizados no Brasil, como o Congresso Brasileiro de Atividade, Educação e Terapia Assistida por Animais, demonstrando que há um grande interesse nessa área de estudo (Amaral, 2016). Dessa forma, acredita-se na necessidade de realização de pesquisas que envolvam a terapia, na certificação dos animais como terapeutas bem como, na regulamentação dos profissionais que atuam conduzindo os mesmos.

O Cão Terapeuta e a Ande Brasil, entre outros, atuam com projetos que atendem a um público constituído por deficientes intelectuais e físicos, idosos, crianças e pacientes internados em hospitais. “Cientificamente a TAA (Terapia Assistida por Animais) é reconhecida no mundo, em países como EUA, Canadá e muitos da Europa, os quais têm adotado esse trabalho nos últimos 40 anos” (Dotti, 2005, *apud* Amaral, 2016).

Atualmente, vive-se a confirmação de uma proposta que surgiu empiricamente e enfrentou diversas barreiras, especialmente pela não aceitação de seus benefícios. No entanto, com o passar dos anos e desenvolvimento de estudos, mais projetos foram surgindo, embasados por pesquisas científicas que comprovam o ganho físico e emocional do tratamento de seres humanos auxiliados pela terapia assistida por animais.

### **2.3 A importância da TAC para crianças e idosos**

Caetano (2010) disserta que a Terapia Assistida por Cães (TAC) tem grande importância no tratamento de pacientes com diversas condições, incluindo doenças cardíacas, câncer, mal de Alzheimer e esquizofrenia. Além disso, a TAC apresenta um papel terapêutico essencial para pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), Síndrome de Down e depressão, bem como para crianças que foram vítimas de abuso e violência doméstica.

Becker e Morton (2003), ressaltam os resultados terapêuticos que a presença de animais pode proporcionar em diversas doenças e situações emocionais e sociais dos pacientes. Estes animais, muitas vezes espontâneos e inesperados, podem gerar bons resultados apenas com a sua presença. Destaca-se também que animais de estimação diminuem o estresse, baixam a frequência cardíaca, a pressão arterial e o colesterol do ser humano. São capazes tanto de estimular o exercício físico, especialmente no caso dos cães, o que é fundamental para a recuperação de diversas doenças, quanto auxiliar no sono, visto que possuem efeito ansiolítico, aumentando o limiar da dor.

O mero contato físico oferecido pelos cães possui grande valia para alívio não somente das angústias emocionais, mas também presumivelmente das dores físicas. Assim, esses momentos de afeto propiciam experiências emocionalmente satisfatórias que aumentam a motivação do paciente a ser reabilitado para aprender, experimentar e explorar, modificando gradualmente sua conduta e predispondo-o para a melhora objetivada (Chagas *et al.*, 2009).

Além disso, o cão também auxilia em dificuldades pedagógicas, ajudando na ação escolar, reduzindo a frustração e agressividade da criança (Amaral, 2016). No aspecto psiquiátrico, o cão ajuda na prevenção de depressão e ansiedade. No aspecto geriátrico, observou-se em casos de doenças neuromusculares crônicas uma sensível melhora na reabilitação motora (Medeiros; Carvalho, 2008).

Dotti (2005) afirma que as crianças buscam a companhia de animais de estimação como uma forma de conforto quando se sentem chateadas, solitárias ou tristes, buscando um amigo com quem possam compartilhar suas angústias. Observa-se, empiricamente, que a interação com um cão proporciona às crianças uma vivência mais alegre e espontânea, pois percebem o animal como um ser que não as julga nem critica. Portanto, essa aceitação incondicional é crucial para o bem-estar emocional, pois promove um espaço seguro para a expressão de sentimentos. Além disso, essa dinâmica de interação não se limita apenas ao benefício das crianças, mas também se estende aos pacientes idosos, que igualmente se beneficiam da presença do cão, fortalecendo laços afetivos e promovendo uma melhora significativa em sua qualidade de vida.

Nascimento (2009), enumera vários benefícios desta modalidade terapêutica em idosos: o estímulo motor gera prazer e autoconfiança, e o estímulo emocional auxilia na preservação da

memória e cognição, além da melhor aderência a medidas de socialização, contribuindo para o desenvolvimento de empatia, que em conjunto são essenciais para o bom proveito do tratamento. Rodrigues *et al.* (2012), destaca que a TAC em idosos estimula a liberação dos níveis de serotonina e endorfina, que, além de vários dos benefícios supracitados, também fortalecem o sistema imunológico do indivíduo.

Dotti (2005) esclarece que idosos obtêm melhora a partir do contato com animais, sobretudo se forem nutrindo relações sistemáticas com o animal em seu convívio durante o tratamento. Em algumas instituições, inclusive, os idosos têm permissão para levar seu animal pessoal de companhia consigo, pois a separação pode causar um trauma emocional no idoso que é contraproducente ao tratamento.

## 2.4 O cão coterapeuta

Segundo Rabelo e Costa, (2018), os cães são animais mamíferos pertencentes à família dos canídeos, de dieta carnívora, com caudas longas e dentes molares potentes o suficiente para esmagar ossos à mordedura. Suas origens remontam a um ancestral comum datado em cerca de 40 milhões de anos, que através de múltiplos processos adaptativos, evoluiu para os ancestrais lupinos domesticados pelo homem.

A competição entre o *Homo sapiens* e os canídeos pela caça paradoxalmente foi o que estreitou as relações entre homem e animal, por meio de uma relação de comensalismo que evoluiu para mutualismo. Com o tempo, a domesticação assumiu novos rumos além da atividade de caça (Rabelo; Costa, 2018).

Essa evolução histórica revela como a interação entre humanos e cães foi fundamental para o desenvolvimento de laços afetivos profundos. O que inicialmente começou como uma relação utilitária de caça transformou-se em uma convivência onde os cães passaram a desempenhar papéis importantes na vida cotidiana dos seres humanos, como companheiros, protetores e, mais recentemente, coterapeutas. Essa transformação não apenas reflete a adaptabilidade da espécie canina, mas também a capacidade dos humanos de estabelecer conexões emocionais com outras espécies, algo que pode ser explorado em diversos contextos terapêuticos.

Outros animais, além do cão, também possuem as qualidades necessárias para o adestramento e exercício de atividades terapêuticas ou de apoio, como cavalos (equoterapia), golfinhos (delfinoterapia), primatas, entre outros. Esses animais estão inseridos em variados contextos sociais, servindo como assistentes de cuidado para portadores de diversas moléstias físicas e mentais. Porém, para que o cão possa participar de atividades terapêuticas, é primordial atender para todas as especificidades inerentes à espécie.

Esse resgate da criança interior é especialmente significativo em contextos terapêuticos, onde a vulnerabilidade emocional pode ser uma barreira para o progresso. Os cães oferecem uma forma de amor incondicional e aceitação que, muitas vezes, falta nas interações humanas. Ao proporcionar conforto e um ambiente seguro, os cães ajudam a desbloquear emoções reprimidas, facilitando a expressão de sentimentos que podem ser difíceis de verbalizar. Essa dinâmica é crucial em terapias voltadas para a saúde mental, onde a construção de confiança é fundamental para o sucesso do tratamento.

A inclusão de diferentes espécies em ambientes terapêuticos expande as possibilidades de intervenção e oferece uma variedade de abordagens para atender às necessidades individuais dos pacientes. Cada tipo de animal traz consigo um conjunto único de habilidades e características que podem ser exploradas em benefício do bem-estar humano. Por exemplo, a equoterapia utiliza a interação com cavalos para ajudar na reabilitação física e emocional,

enquanto a delfinoterapia pode oferecer benefícios únicos devido à natureza aquática dos golfinhos e à sua inteligência social.

Segundo Caetano (2010), o cão deve ser avaliado por um veterinário para verificar seu *status* documental e saúde física, e por um adestrador ou um psicólogo especializado em comportamento animal. Somente após essas avaliações, o animal será considerado apto ou inapto para o processo de adestramento.

Essa avaliação é crucial, pois um cão inadequado para a terapia pode não apenas falhar em proporcionar os benefícios esperados, mas também representar riscos para os usuários. A saúde física e o bem-estar emocional do animal são aspectos fundamentais que podem influenciar sua capacidade de atuar em um contexto terapêutico. A seleção cuidadosa dos cães, portanto, não é apenas uma questão de treinamento, mas também de garantir que eles estejam em condições ideais para interagir com as pessoas de maneira segura e eficaz.

Lima e Sousa (2004, *apud* Caturra, 2016) afirmam que o cão é, na maior parte dos casos, a espécie de animal mais eficaz para participar em quase todos os tipos de terapia, uma vez que possui afeição natural e ampla aceitação recíproca, respondendo positivamente ao contato físico, agindo como catalisador das interações sociais (Carlise, 2015, *apud* Caturra, 2016).

Essa aceitação recíproca destaca o papel do cão como um facilitador nas interações sociais, especialmente em contextos em que a comunicação verbal pode ser limitada ou desafiadora. Os cães têm a capacidade de aliviar a ansiedade e o estresse, criando um ambiente mais relaxante que pode encorajar a abertura emocional. Logo, a interação não apenas beneficia o indivíduo em tratamento, mas também pode ajudar a melhorar a dinâmica social em grupos, na qual a presença do animal pode agir como um "quebra-gelo".

Segundo o Projeto de Lei nº 5.083/2016, as habilidades dos cães de intervenção assistida geralmente são distribuídas da seguinte forma:

1. Cão-guia, para pessoas cegas ou com baixa visão;
2. Cão de serviço, para auxiliar pessoas com deficiência física ou mobilidade reduzida;
3. Cão de sinalização ou cão para surdos, com a finalidade de indicar fontes sonoras para pessoas surdas ou com deficiência auditiva;
4. Cão de alerta, para avisar a pessoas com doenças crônicas, como epilepsia, da prevenção no caso de um ataque;
5. Cão para pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), este animal deve ser adestrado para cuidar da integridade física e controlar situações emergenciais (Brasil, 2016).

Essas funções específicas dos cães demonstram a versatilidade e a importância desses animais na promoção da inclusão e da qualidade de vida de pessoas com deficiência. Ao desempenhar essas funções, os cães não apenas melhoram a autonomia de seus tutores, mas também promovem uma maior integração social, desafiando estigmas e preconceitos que podem existir em relação às deficiências.

O cão também "pode auxiliar em processos terapêuticos, incentivando atividades, promovendo a autoaceitação, mediando relações, combatendo a solidão, estimulando contatos ou simplesmente alegrando o ambiente" (Dornelas *et al.*, 2015, *apud* Caturra, 2016). No entanto, o cachorro deve ser devidamente adestrado e habilitado para exercer a função específica à qual foi designado, pois existem sinais comportamentais, emitidos seja em estado de agitação ou de quietude que, por vezes, somente o profissional adestrador consegue identificar. Silva (2011) em seus estudos sobre a conduta do cão em relação às astúcias canina e do ser humano, afirma que:

Eles podem captar nossos sentimentos, expectativas e intenções, além de serem capazes de reconhecer nossa linguagem corporal e por meio dela captar nosso estado de espírito. Também por meio das alterações químicas que ocorrem em nosso organismo podem identificar como está nosso

humor, nossa saúde e nosso estado geral uma vez que possuem o olfato mais apurado que o nosso, além de captar frequências sonoras não detectáveis para o ser humano (Silva, 2011, p.14).

O autor narra as percepções dos vínculos afetivos instituídos na relação entre o cão e o homem que podem contribuir para melhoria de algumas enfermidades. Sabe-se que através da terapia, são trabalhados sentimentos e sentidos, auxiliados por lembranças remotas da infância. Becker e Morton (2003), acrescentam que por meio de um relacionamento íntimo com animais, é despertado nos indivíduos características como a lealdade, o amor, e a jovialidade.

Esse reconhecimento emocional por parte dos cães é um dos aspectos mais fascinantes da interação entre humanos e caninos. Ao serem capazes de ler as emoções humanas, os cachorros não apenas se adaptam às necessidades dos indivíduos, mas também ajudam a criar uma conexão mais profunda e significativa. Essa habilidade pode ser particularmente valiosa em contextos terapêuticos, onde a confiança e a empatia são essenciais para o sucesso do tratamento.

Caturra (2016) afirma que, para isso, o cão deve ser coterapeuta em suas ações de influenciar tratamento integral, podendo auxiliar e facilitar a efetivação na atuação terapêutica, na área física, psíquica e emocional, conforme as necessidades específicas do indivíduo. Porém, é cogente acatar alguns pré-requisitos para utilizá-lo na terapia, de forma que não afete a relação entre o animal e o humano. Ainda segundo esse autor, qualquer raça de cão pode ser utilizada para terapia, mas necessita passar por etapas para que possa então ser considerado um coterapeuta, sendo elas: adestramento, avaliação veterinária com ênfase na terapia proposta, incluindo análise comportamental e verificação do status vacinal.

Todas as etapas, inclusive as anteriores e posteriores ao processo citado, como a avaliação inicial para o adestramento e a aplicação da terapia até seu desfecho, devem ser conduzidos por profissionais especificados na área ou com formação especializada, que induzem a cabo prestações de acordo com a demanda contextual.

## **2.5 O profissional da segurança pública e a TAC**

No contexto bélico, o cão foi inicialmente empregado como ferramenta ofensiva. Todavia, conforme as doutrinas e tecnologias bélicas avançaram, o leque de emprego se abriu para atividades de busca e resgate, patrulhamento, rastreamento, fiscalização e uso seletivo do agarre como força não-letal (Rabelo; Costa, 2018).

Em particular, as aguçadas capacidades olfativas e auditivas, a agilidade, vigor físico, destemor e a lealdade, determinaram a versatilidade do cão no contexto militar e policial, com determinadas raças se sobressaindo em relação a outras, por maior aptidão de características específicas valiosas para atividades desenvolvidas por unidades policiais especializadas.

Dotti (2005) ressalta a necessidade de prestar atenção ao comportamento do animal, para identificar sinais de estresse que podem comprometer seu desempenho. O autor afirma que, às vezes, o animal pode mudar de temperamento ou manifestar fadiga incapacitante, principalmente quando pressionado por demandas superiores à sua aptidão para determinada tarefa.

Nesse sentido, algumas pessoas podem irritar ou até mesmo machucar o cão, meramente por falta de domínio corporal e desconhecimento da linguagem corporal e comportamento do animal. Assim, por mais que o cão seja tolerante, é necessário estar sempre atento a esses sinais, além de respeitar os limites do animal, para evitar quaisquer óbices (Abreu *et al.*, 2008).

Sendo assim, a intervenção de um profissional qualificado para intermediar a relação entre o paciente e o cão coterapeuta é essencial para evitar a iatrogenia no contexto da TAC,

pois terapias aplicadas incorretamente prejudicam o paciente, assim como as moléstias a serem tratadas. Segundo Dotti (2005) a TAC:

[...] é um conceito que envolve a visitação, recreação e distração por meio de contato direto dos animais com as pessoas. São atividades desenvolvidas por profissionais treinados que levam seus animais às instituições, para uma visita de aproximadamente uma hora semanalmente. São atividades que desenvolvem o início de um relacionamento, propõem entretenimento, oportunidades de motivação e informação a fim de melhorar a qualidade de vida (Dotti, 2005, p. 30).

Neste contexto, o profissional de segurança pública será responsável por articular o molde da TAC em conjunto com profissionais de diversas outras áreas, através de um cadastro das entidades e profissionais interessados, levando em consideração as demandas de cada grupo de pacientes.

De acordo com Alencar (2018), o desenvolvimento do trabalho deve ser feito com o dever, pois envolve indivíduos vulneráveis e incapazes, devendo ser elaborados termos de compromisso e responsabilidade para os profissionais voluntariados, sendo assinados individualmente, não importando seu grau de envolvimento com o paciente dentro do programa.

Sob esse viés, o autor recomenda o desenvolvimento de roteiro para os voluntários de forma que eles entendam o objetivo do projeto social e os valores da instituição, devendo todos os participantes estar sempre identificados com credenciais ou fardados quando aplicável (Dotti, 2014). A plena compreensão desses elementos deverá ser fixada por meio de uma combinação entre material teórico impresso e conteúdo expositivo.

Sobretudo, a prática da TAC demonstra um potencial significativo para estimular a recuperação e o bem-estar de crianças e idosos em tratamento. Nesse contexto, como abordado por Dotti (2005) e Alencar (2018), o profissional de segurança pública assume um papel fundamental, transformando o animal em um elemento de cumplicidade e conexão. Essa interação não apenas facilita a comunicação e a expressão emocional, mas também atua como um catalisador socioemocional, potencializando os efeitos benéficos de outros métodos terapêuticos.

Ao fomentar um ambiente de acolhimento e suporte, o profissional contribui para a construção de relações mais saudáveis e enriquecedoras entre os pacientes e os cães coterapeutas, promovendo uma experiência terapêutica mais integrada e eficaz.

## **2.6 Normas que garantem o bem-estar do cão e paciente**

A Intervenção Assistida por Animais (IAA), prática que vem ganhando tração internacional graças ao engajamento acadêmico em projetos de pesquisa e extensão em escala global, agrupa um conjunto de abordagens que buscam a melhoria da saúde, da aprendizagem e da socialização das pessoas assistidas, por meio da utilização de animais em suas práticas, conforme descrito no Art. 1º do Projeto de Lei nº 5.083/2016:

Art. 1º Intervenção Assistida por Animais – IAA é todo tipo de intervenção terapêutica de assistência, de apoio, de serviço, de educação ou de lazer que utiliza o animal como parte do processo para melhorar a qualidade de vida e a participação social da pessoa assistida, bem como sua resposta terapêutica (Brasil, 2016).

De acordo com o Art. 1º do Projeto de Lei nº 3.950/2015, a cinoterapia consiste na utilização de cães adequadamente selecionados, treinados e recomendados, para facilitar as terapias de tratamento de males físicos, psíquicos e psicológicos. Portanto, é necessário frisar que os animais que estabelecem consolo, distração ou companhia para seus titulares, mas não são habilitados para realizar tarefas específicas, não são formalmente considerados animais de intervenção assistida.

Assim, todos os animais empregados nessas atividades devem passar obrigatoriamente pela avaliação de profissionais da área de veterinária e da psicologia comportamental, acatando os pré-requisitos de saúde animal, sendo submetidos a testes de aptidão, além de reavaliações periódicas (Brasil, 2015).

O Art. 2º do PL determina que para seleção e recomendação de cães a serem utilizados na atividade terapêutica devem ser realizadas por uma equipe multidisciplinar composta por profissionais que tenham habilitação correspondente de acordo com o perfil do paciente a ser tratado e, obrigatoriamente, por médico veterinário, que atestará as condições de saúde do animal. Estes profissionais devem possuir registro junto aos respectivos conselhos de classe (Brasil, 2015).

Por sua vez o Art. 3º dispõe sobre os pré-requisitos de aptidão dos cães a serem utilizados na atividade de cinoterapia, listando características de adequação tais quais:

- I - ser domesticado, de índole pacífica e temperamento equilibrado;
- II - estar em perfeito estado de saúde;
- III - ser castrado;
- IV - possuir adestramento para este fim por adestrador qualificado, supervisionado pela equipe multidisciplinar mencionada no artigo 2º;
- V - outras características a critério da equipe multidisciplinar mencionada no artigo 2º, de acordo com a necessidade do tratamento terapêutico a ser adotado (Brasil, 2016).

O referido PL define a organização da IAA em três vertentes: quando há fim terapêutico, se denomina Terapia Assistida por Animais (TAA); voltada para a consecução dos objetivos educacionais, é chamada de Educação Assistida por Animais (EAA); e quando se destina a melhorias na socialização e autonomia das pessoas assistidas, se intitula como Atividade Assistida por Animais (AAA).

### 3 METODOLOGIA

Para entender a melhor forma do profissional de segurança pública atuar em conjunto com profissionais de outras áreas na aplicação de terapia assistida por cães, foi realizada uma revisão sistemática da literatura que aborde sobre a Terapia Assistida por Cães (TAC) e seu contexto histórico, além de buscar literaturas que indiquem a melhor forma de expandir a atividade de um ramo da TAC para o seu desenvolvimento completo na PMPA.

Dessa maneira, foi realizado um estudo descritivo e documental de natureza qualitativa, de artigos científicos publicados na internet, até o mês de janeiro de 2024, com as palavras-chave em português e em inglês: Terapia Assistida por Animais (*Animal Assisted Therapy*), Terapia Assistida por Cães (*Dog Assisted Therapy*) e Cinoterapia (*Cinotherapy*).

Por fim, foi realizada consulta a Resolução nº 275/2021 que institui princípios e regras para os canis da Polícia Militar do Pará.

### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

#### 4.1 A TAC realizada pelo Batalhão de Ações com Cães da PMPA

A Resolução nº 275/2021 em seu artigo 3º, prevê as possibilidades de atuação dos cães do Batalhão de Ações com Cães (BAC) e canis setoriais da Polícia Militar do Pará, conforme observa-se no artigo a seguir:

Art. 3º Os cães poderão ser utilizados nas seguintes missões:

- I – policiamento ostensivo;
- II – operações de busca, captura, resgate e salvamento;
- III – demonstrações de cunho educacional e recreativo;
- IV – serviço de cinoterapia;
- V – policiamento em praças desportivas;
- VI – controle de distúrbios civis;
- VII – formação de célula com apoio de cães;
- VIII – conduta de patrulha com apoio de cães;
- IX – provas oficiais de trabalho e estrutura;
- X – controle de rebelião e fuga de presos;
- XI – formaturas e desfiles de caráter cívico-militar;
- XII – detecção de entorpecentes, armas, munições, artefatos explosivos e afins;
- XIII – operações de resgate e salvamento em áreas colapsadas e afins;
- XIV – assalto tático com apoio de cães.

Sabendo que os cães podem realizar trabalhos de guarda e proteção, faro de narcóticos, faro de explosivos, busca e captura e atividades de cunho social, como a atuação do cão na antigamente denominada cinoterapia (artigo 3º, inciso IV da resolução acima citada), agora sendo conhecida como Terapia Assistida por Animais.

Para conseguir desempenhar seu papel com maestria, não basta apenas o treinamento do cão, também preciso que seu potencial máximo seja extraído e isso está relacionado com os estudos de características de raças, que têm predisposição maior para determinada atividade. Hoje, o BAC conta com 27 cães em seu efetivo, sendo: Pastor Belga de *Malinois* (19), Pastor Alemão (2), *Rottweiler* (2), Labrador (1), *Springer Spaniel* (1) e Sem Raça Definida (2). Observa-se que a maioria da raça Pastor Belga de Malinois, devido a características que o favorecem como cão a ser treinado para o trabalho com odores específicos. Assim, espera-se do *Rottweiler* a atuação como cão de guarda e proteção, fundamental em manifestações ou rebeliões.

Seguindo a linha de características de determinadas raças e o que esperar do seu trabalho, em dezembro de 2021, o BAC iniciou seu trabalho em uma ramo da TAC com o cão Alecrim, sem raça definida (mistura das raças *Golden Retriever* e *Border Collie*), nascido em 20 de janeiro de 2021. Por ser oriundo de mistura de raças, o proprietário da cadela gestante informou que colocaria a ninhada para doação. Foi então, que uma Tenente solicitou a adoção de um filhote, já com o intuito de preparar esse semovente para o trabalho com crianças de idosos.

Alecrim foi escolhido logo ao nascimento e ficou com sua ninhada até completar 2 meses de vida, idade que deixou de mamar em sua mãe e passou a se alimentar exclusivamente com ração. Assim que foi separado da mãe, o cão passou a morar na casa da oficial do BAC para passar por treinamentos necessários visando sua atividade-fim. O convívio em ambiente familiar e, principalmente, com crianças em seu período de crescimento foi fundamental para moldar seu temperamento e permitir a sua participação na terapia assistida por animais.

Em dezembro de 2021, aos 10 meses de idade, Alecrim realizou sua primeira visita ao Hospital Oncológico Infantil Otávio Lobo (HOIOL). Por ser um hospital infantil, o público abordado foi, eventualmente, as crianças, além de toda equipe hospitalar. A visita foi analisada pela equipe multidisciplinar do hospital como extremamente benéfica para pacientes, familiares e equipe hospitalar, por proporcionar a melhoria no clima do ambiente de trabalho, bem como a melhor aceitação dos pacientes aos tratamentos propostos, sem contar no bem-estar geral como um todo.

A partir daí, as visitas ao HOIOL se tornaram mensais e abriram portas para entrada em outros hospitais, como o Hospital Abelardo Santos, Hospital Metropolitano de Belém, Hospital Rio Mar. Nesse último, o Alecrim fez sua primeira entrada na unidade de terapia intensiva pediátrica, na qual havia um paciente internado há mais de 10 dias sem levantar e interagir com a equipe que, ao ver o cão, o paciente pediu para descer e poder lhe fazer carinho.

O sucesso da visita ao HOIOL levou o BAC para outros hospitais, porém sempre mantendo os atendimentos restritos a ala pediátrica. No ano de 2021, surgiu a proposta de visita ao lar de acolhimento de idosos “Lar da Providência” e o público abrangido alcançou outro patamar. Em todos os encontros os resultados chamavam a atenção das equipes que solicitavam as visitas e os convites passaram a ser mais frequentes e todas as instituições buscavam periodicidade de visitas e a demanda passou a ser alta para um único animal, especialmente nos meses de outubro e dezembro, meses mais requisitados pela comemoração do dia das crianças e eventos natalinos.

Em dezembro de 2022, um ano após iniciar as idas aos hospitais, um novo cão foi inserido no trabalho. Um *Springer Spaniel*, nascido em 16 de junho de 2021, chamado Mário se juntou ao Alecrim na missão. Mário era oriundo de canil particular e tinha como primeira intenção seu treinamento para faro de odores específicos. No entanto, após avaliações por cinotécnicos foi constatado que ele não conseguiria se desenvolver como um cão farejador e foi, então, doado ao BAC, onde foi treinado para realizar a TAC.

As visitas são realizadas mediante solicitação por ofício. Caso o cão esteja em plenas condições de realizar o serviço, é feita a confirmação para a instituição que solicitou. Cada visita precisa ser planejada, pois os cuidados nos preparativos são direcionados para o objetivo do trabalho. As idas aos hospitais requerem que o cachorro tome banho no mesmo dia da visita, considerando que o ambiente hospitalar abriga pacientes mais suscetíveis a contrair doenças. Para escolas e creches, embora o animal precise estar higienizado, não há o mesmo rigor exigido nas visitas a hospitais. Logo, todas as visitas, o controle de endoparasitas e ectoparasitas precisa estar em dia e a carteirinha de vacinação do cão sempre atualizada.

Para um bom resultado nos encontros é preferível o contato do animal individualmente ou em pequenos grupos, do que em auditórios ou ginásios, pois nesses espaços há muitos fatores externos que desgastam mais o cão, tornando a visita mais improdutiva, além do contato do público ser maior em visitas mais exclusivas.

Anualmente, são realizadas aproximadamente cinquenta atividades, que atingem uma média de seis mil pessoas (dados obtidos após análise dos registros das visitas de 2022 e 2023 realizadas pelo BAC). Além de hospitais, o Batalhão de Ações com Cães realizava visitas em escolas particulares e públicas, creches e lares de acolhimento de idosos.

Durante as visitas escolares, além de demonstrações de comandos básicos e obediência, é realizada orientação aos alunos sobre o funcionamento do Batalhão de Ações com Cães da PMPA, rotina de treinamento dos animais e principalmente sobre responsabilidade do ser humano no cuidado aos animais. Além de proporcionar um momento alegre aos estudantes pela presença do cão e todos os benefícios já comprovados pelo contato com o animal, é um momento de informação e difusão de conhecimentos sobre os animais. Por fim, paralelamente à colaboração na TAC, os animais também participam de atividades cívico-militares como por exemplo os desfiles alusivos à comemoração de 21 de abril e de 7 de setembro.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabendo que o cão pode auxiliar o homem tanto em questões técnicas quanto humanitárias, dependendo do tipo de adestramento e da função a qual for designado, o que inclui o auxílio a processos terapêuticos, a melhora da autoestima, interação social, combate a solidão e ajuda em tratamentos médicos. Conclui-se que os resultados da interação com o cão abrangem patologias físicas e psicológicas dos pacientes, com melhora na resposta ao tratamento, ou mesmo na condição clínica geral, especialmente para pacientes que lutam contra depressão.

É consolidado que a presença do animal promove benefícios concretos como a redução da frequência cardíaca e da pressão arterial. Mesmo pacientes com resistência inicial a presença de um cão, acabam por se render e são beneficiados por essa terapia.

De modo especial, em crianças e idosos, os cães são estímulo emocional e fonte de boas sensações e boas memórias. O vínculo criado entre homem e animal desencadeia o resultado emocional e físico que, por vezes, as terapias convencionais não conseguem obter isoladamente. Para tal, sabe-se que quanto mais continuada for a assistência, melhores serão os resultados obtidos.

Sendo assim, os cães aumentam a receptividade do paciente, sobretudo dos grupos em questão, reduzindo a resistência às terapias paralelas através da diversão e do afeto recíproco. A TAC é uma modalidade terapêutica alternativa, eficaz e agradável, não somente para os pacientes e pais ou responsáveis, mas também e não menos importante, para os colaboradores e voluntários inseridos no processo terapêutico em hospitais e abrigos. Os efeitos benéficos da presença do cão não são refletidos e direcionados apenas aos pacientes ou habitantes, mas a todos que frequentam e vivem a rotina ambiente hospitalar ou de lares de acolhimentos.

O BAC desenvolve a assistência com cães trabalhando exclusivamente com visitas a lares de acolhimentos, hospitais, creches e escolas. E sabendo do efeito positivo que a atividade promove, o objetivo é expandir sua atuação e buscar desenvolver internamente um centro de terapia assistida por cães que seja multiprofissional, abrangendo psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, dentre outros que atuam diretamente no tratamento ou desenvolvimento de crianças e idosos, uma vez que a associação de diversos especialistas ao cão, em um protocolo de tratamento continuado potencializa os benefícios almejados.

Dessa forma, reconhecendo que a implementação de um projeto completo requer alto investimento em infraestrutura, além da demanda de mão de obra multiprofissional especializada, a capacitação tanto dos animais quanto dos profissionais que os conduzirão nas suas atividades representa uma dificuldade a mais para sua implementação, tanto pelo custo inerente ao projeto, quanto pela logística e disponibilidade de locais aptos a promover essa qualificação.

No entanto, certifica-se que a PMPA acredita no potencial do projeto, em seus benefícios tanto para a tropa, quanto para a sociedade, e fará o que estiver ao seu alcance para que a Terapia Assistida por Cães, realizada pelo Batalhão de Ações com Cães, seja implementada e oficializada dentro dos padrões necessários para o desenvolvimento de um trabalho de excelência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Camila C.; SILVA, Diego B. da; DUARTE, Bárbara Alves; ALMEIDA, Aline; BAMBIRRA, S. Alves. **Atividade assistida por animais no Lar Augusto Silva**. Lavras/MG: UFLA, 2008. Disponível em: <<http://www.proec.ufla.br/conex/ivconex/arquivos/trabalhos/pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2023.

ALENCAR, Joelhe R. de. Proposta de implantação de projeto social de terapia assistida por cães - cinoterapia. **Elaboração do projeto social “cão bombeiro meu melhor amigo” e manual de terapia assistida por cães**. 2018. Disponível em: <<https://www.bombeiros.go.gov.br/wpcontent/uploads/2018/02/TCC-ALENCAR.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2023.

AMARAL, Denise M. B. do. **A cinoterapia como uma prática social: benefícios do vínculo afetivo estabelecido entre o ser humano e o cão no contexto inclusivo**. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ), Cruz Alta-RS, 2016.

BRASIL. **Projeto de Lei n.º 3.950/ 2015**. Dispõe sobre a atividade da cinoterapia e dá outras providências. Marcelo Belinati. Câmara dos Deputados.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 5.083/2016**. Dispõe sobre Intervenção Assistida por Animais - IAA e utilização de animais de intervenção assistida. Câmara dos Deputados.

BRANCALIONE, E.; SCHMIDT, C. L. **Benefícios da cinoterapia em idosos institucionalizados**: relato de experiência. Instituto Federal do Paraná, Campus Palmas –TO 2018. II Congresso Nacional de envelhecimento Humano. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br/revista/cneh/trabalhos/>>. Acesso em 06/11/2023.

BECKER, M.; MORTON, D. **O poder curativo dos bichos**: como aproveitar a incrível capacidade dos bichos de manter as pessoas felizes e saudáveis. Tradução A.B. Pinheiro de LemBenefícios da cinoterapia em idosos institucionalizados: relato de experiência. Instituto Federal do Paraná, Campus Palmas –TO 2018os, São Paulo: Bertrand Brasil, 2003.

BUENO, Chris. **Relação entre homens e animais transforma comportamentos dos humanos e dos bichos**. Ciência e Cultura, São Paulo, v. 72, n. 1, p. 09-11, Jan. 2020.

CAETANO, Elaine Cristina Salvaro. **As contribuições da TAA – Terapia Assistida por Animais à psicologia**. 2010. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado) em Psicologia, Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Criciúma, 2010.

CATURRA, C. Isabel Agostinho. **Expectativas de Profissionais de Cinoterapia face a eficácia da Intervenção Educacional**. Mestrado Integrado em Psicologia. Universidade de Lisboa. 2016.

CHAGAS, José Naum de Mesquita; SANTOS, Amanda Maria Tavares dos; IVO, June Elen; VALENÇA, Thaís Ribeiro. Terapia Ocupacional e a Utilização da Terapia Assistida por Animais (TAA) em Crianças e Adolescentes. Institucionalizados. **Revista Crefito-6**, 14ª Ed. Seção: Artigo Científico, 2009.

DOTTI, Jerson. **Animais & Terapia**: Atividade e Terapia assistida por animais - A TAA. Práticas para organizações, profissionais e voluntários. São Paulo: Noética, 2005.

DOTTI, Jerson. **Terapia e Animais**: Proposta de implantação de projeto social de terapia assistida por cães - cinoterapia. São Paulo: Livrus, 2014.

GEARY, Michael. **Tudo sobre cães**. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.

GODOY, A. C. S.; DENZIN, S. S. **Atividades assistidas por animais**: aspectos revisivos sob um olhar pedagógico. Ensaio e Ciência, v. 5, n. 5, p. 38, 2007.

GRANDIN, T.; JOHNSON, C. **Na língua dos bichos**: Usando os mistérios do Autismo para decodificar o comportamento animal. Título Original: *Animals in translations: Using the mysteries of Autism to decode animal behavior*. Tradução: Alyda C. Sauer. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

KASSIS, Amélia; BERZINS, Marília V. da Silva. O amor que fica. **Revista Kalunga**, São Paulo, ano XXX, n. 139, agosto 2002, p. 12-21.

MEDEIROS, Ana Julia Sichirolí; CARVALHO, Silvana Denofre. Terapia Assistida por Animais a crianças hospitalizadas. In: **XVI Congresso Interno de Iniciação Científica da Unicamp**, Campinas, 2008.

MENDONÇA, M. E. F. de; SILVA, R. R. da; FEITOSA M. J. de S.; PEIXOTO, S. P. L.; A terapia assistida por cães no desenvolvimento socioafetivo de crianças com deficiência intelectual. **Caderno de graduação de Ciências Biológicas e da Saúde**. Maceió v. 2. n.2. p. 11-30. Nov. 2014. Disponível em: <periodicos.set.edu.br>. Acesso em 04 nov. 2023.

NASCIMENTO, Angélica. Os melhores amigos. **O Projeto Cão do Idoso**. 2009. Disponível em: <<http://portaldovoluntario.org.br/blogs/54354/posts/1439>>. Acesso em 05 jan. 2024.

NASCIMENTO, Nicole Stephanie Moura do. **Cinoterapia: uma alternativa para auxiliar crianças vítimas do abuso sexual**. FACHO (Brasil), Copyright, 2017. ISSN 1646-6977.

OLIVEIRA, G. N. de. **Os benefícios da terapia assistida por animais**. 2006. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=84201407>>. Acesso em 10 jan. 2024.

PORTO, R. T. C.; CASSOL, S. Zooterapia uma lição de cidadania: o cão socializador e a criança vítima de violência intrafamiliar. **Revista Disc. Jur.** Campo Mourão, v. 3, n. 2, p. 46-74, 2007.

RABELO, Henrique Lúcio santos, COSTA, Leon Denis da. **O emprego do cão e a sua importância em atividades de Segurança Pública**. Monografia (aperfeiçoamento/especialização em Polícia e Segurança Pública) Polícia Militar do Estado de Goiás, 2018.

RODRIGUES, V.; MENDES, D.; SANTIAGO, R.; SMEHA, L. **Velhice e institucionalização: intervenção psicológica por meio da cinoterapia**. Trabalho de pesquisa e extensão. Asnta Maria, RS, Brasil. 2012.

SILVA, Juciana Miguel da. **Terapia assistida por animais (revisão de literatura)**. 2011. 40f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Medicina Veterinária). Universidade Federal de Campina Grande, Patos, Paraíba, 2011.

SILVA, Carine Nascimento; COSTA, Lia da Porciúncula Dias; PERANZONI, Vaneza Cauduro; VIDAL, Laura da Rosa; ARRUDA, Aimê Cunha; HOFFMEISTER, J. Maciel. **Cinoterapia: uma terapia para pessoas com necessidades especiais. XX Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão**. Universidade de Cruz Alta, Rio Grande do Sul, 2015.

TRAVAGIN, Ricardo Brandão. **O processo de comunicação no mercado pet e a utilização de valores do universo infantil**. 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Paulo, 2012.